

O ESTUDANTE MANUEL ANTÔNIO ÁLVARES DE AZEVEDO (1)

— I —

Quando o Prof. Orestes Rosolia, muito digno Diretor do nosso Curso Ginásial, me deu a grata incumbência, que agradeço muito, de falar-vos sobre um dos mais complexos e completos escritores paulistas, Manuel Antônio Álvares de Azevedo, pensei logo em tratá-lo como estudante.

É que o estudo total de um tão difícil poeta, pediria o exame demorado da sua vida, da crítica dos outros autores, da obra que o poeta deixou. E nada disto iremos abordar.

Em matéria de crítica, digamos apenas que é uma das figuras mais impressionantes da nossa cultura.

Em se tratando da obra, basta dizermos que, apesar de estudante exemplar, de profundo estudioso, foi poeta, dramaturgo, contista, romancista, crítico literário, historiador da literatura, conferencista, orador, epistológrafo. Em quatro anos de produção literária, deixou-nos, na edição em dois tomos de Homero Pires, os seguintes trabalhos: — “Lira dos vinte anos”, “Poesias diversas”, “Poema do frade”, “O Conde Lopo”, “Macário”, “Noite na taverna”, “O livro de Fra. Gondicário”, “Estudos literários”, “Discursos” e “Cartas”.

A vida de Álvares de Azevedo — se agora fôssemos traçá-la — pediria três capítulos: — A genialidade do intelectual, A férrea vontade do estudioso, A debilidade física do homem, três forças gerais, desdobrando-se em outras inúmeras forças particulares, que se inter-agem, dando em resultado esse fenômeno paulista, próximo parente de Edgar Allan Poe, o gênio meio solitário na América.

Manuel Antônio Álvares de Azevedo é a assombrosa conjunção de duas forças excepcionais: — a notabilíssima ascendência em duas famílias que se distinguiram no cenário cultural do Brasil; a fibra desbravadora do pioneiro, na escola, na cultura, na literatura. Primeiro em tudo, foi o estudante incansável, o estudioso incansável, o escritor incansável.

(1). — Palestra pronunciada no auditório do Instituto de Educação Caetano de Campos, na tarde de 25 de abril de 1952, primeiro centenário da morte do poeta.

Fôrças que enfraqueceriam, cada uma de per si, muita gente forte e que, no caso de Alvares de Azevedo, encontraram o apôio de um débil organismo, o que vale dizer: — não encontraram apôio algum. Daí, a falta de saúde culminar em morte prematura, fatal desenlace, acelerado, quase que em inconsciência, pelas mesmas duas fôrças positivas portentosas. A vida de Manuel Antônio é a história da debilidade, esmagada ao pêso do gênio e ao pêso da vontade: — a haste da balança não pôde resistir ao pêso dos dois pratos.

Hoje, porém, não veremos o estudioso insaciável, o escritor insaciável. Basta dizermos que conhecia tudo de essencial da literatura greco-latina e das literaturas modernas; e tudo em maior parte conhecido nas fontes originais. Basta, para só lembrarmos a obra, a relação que arrolamos.

E embora não tratemos, hoje, do leitor e escritor, não nos esqueçamos, porém, de frisar bem que, homem de espantosa fôrça de vontade (refletida e espontânea), em apenas quatro anos de produção, interrompida pelo estudo profundo e pelas leituras infindáveis, Alvares de Azevedo nos legou cerca de mil páginas, onde os lampejos do gênio, de espaço a espaço, fulguram, como luzes, à beira de uma estrada percorrida em velocíssimo veículo, projetado para aquela meta que só o seu condutor antevia tão próxima: — a morte prematura.

Contentemo-nos, hoje, apenas com uma síntese da formação cultural de Alvares de Azevedo, feita com dados bebidos em Domingos Jaci Monteiro, Joaquim Norberto, Artur Mota, Afonso Schmidt, Homero Pires e Edgard Cavalheiro (2).

— II —

Alvares de Azevedo, filho legítimo do Dr. Inácio Manuel Alvares de Azevedo e D.^a Maria Luísa Silveira da Mota Azevedo, nasceu na casa do seu avô materno, Silveira da Mota, situada à Rua Quintino Bocaiuva, esquina da Rua Senador Feijó, na cidade de São Paulo, às duas horas da tarde de 12 de setembro de 1831, e morreu às cinco horas da tarde de um domingo da Ressurreição, dia 25 de abril de 1852 — exatamente há cem anos passados — na casa da Rua do Infante, n.º 1, hoje Dois de Dezembro, n.º 13, da cidade do Rio de Janeiro e onde, em 1939, se situava o Hotel Seletto. Morreu, portanto, adolescente, com apenas vinte anos, sete meses e treze dias.

Em 1833, aos dois anos, foi para o Rio, onde, em 1835, aos quatro, caiu gravemente doente, com forte febre, resultante do aba-

(2). — Ver a Bibliografia, na parte final.

lo nervoso que sofreu, pela morte, em Niterói, de seu irmãozinho Inácio Manuel, de dois anos.

Assim, por motivo da fraqueza que lhe ficou desta enfermidade, de 1835 a 1839, dos quatro aos oito anos — embora já aos seis o iniciassem nas primeiras letras — seus pais não lhe cuidaram sèriamente da educação.

Os estudos de Álvares de Azevedo começam, pois, verdadeiramente, no Colégio Stoll, onde, de 1840 a 1844, fêz o curso primário e boa parte do secundário.

Entre o Colégio Stoll e o “Pedro II”, esteve estudando em São Paulo (de agosto a dezembro de 1844); no Rio (de janeiro a junho de 1845) fêz os preparatórios para o “Pedro II”.

Durante dois anos e meio (de junho de 45 a dezembro de 47) cursou este Colégio.

Na Faculdade de Direito, estudou, de 1848 a 1851, não chegando, pela morte em 52, a concluir o curso de cinco anos. Mais um ano, e teria, aos vinte e um, acabado a sua formação total, idade verdadeiramente notável para a conclusão do Curso Superior.

O rapazinho genial, de vontade de aço, mas frágil de corpo, faria, em doze anos, de 1840 a 1852, o seu Curso Primário, Secundário e Superior. E que cursos! Cursos em que, normalmente, gastamos hoje dezesseis anos. E êle os fêz, lendo alvoroçadamente, alvoroçadamente escrevendo. Foi, ou não foi uma vontade dócil aos caprichos do gênio?!

— III —

Mas vejamos o menino mais de perto: —

Álvares de Azevedo, durante mais de quatro anos (de janeiro de 1840 a 1844) esteve estudando no Colégio Stoll.

Foi, ali, a menina dos olhos do seu Diretor, Educador extraordinário, digno de todos os louvores.

Nem bem três meses se passaram e, já por volta de março de 1840, o Dr. Stoll, em francês que traduzimos, escrevia, esperançoso, ao pai do poeta: — “Vosso Manuelzinho me encanta sempre, cada vez mais; é, sem dúvida, a mais bela esperança de meu colégio, excepto para a ginástica, em que é o último...”

Em outubro de 1840, continuava informando, já entusiasmado e crítico: — “Vosso filho é sempre o melhor de meus alunos, pelo espírito, pela inteligência, pelo amável bom-humor, e sobretudo pelo coração... Quanto mais analiso esta criança, tanto mais me surge ensejo de felicitar-vos por terdes um filho assim. Que Deus lhe dê vida e saúde e vereis que êle se tornará qualquer cousa de bom e de muito bom.”

Em novembro de 1840, já se torna profético: — “Em verdade, êle não tem perdido tempo este ano, e, se continuar assim, isto

dará um brasileiro que poderá medir-se com as primeiras capacidades européias.”

Mas, em abril de 1841, é mais comovido, mais íntimo, mais profundo: — “Nosso heróizinho é, sempre, minha glória e minha felicidade: — reúne — o que é muito raro — a maior inocência de costumes à mais vasta capacidade intelectual que encontrei, na América, num menino de sua idade... Nada me encanta mais que vê-lo — após ter superado a todos os grandes, nas lições — ocupar-se, nos brinquedos, em plantar flôres sem raiz, para fazer um jardinzinho de uma hora de duração, ou ainda em levantar uma casinha que o vento põe por terra.”

Finalmente, em maio de 1841, a consagração já é definitiva: — “Recebi a visita do Snr. Guimarães (o Dr. Francisco José Pinheiro Guimarães) que — assombrado com os progressos de vosso Manuelzinho — quer confiar-me seus dois filhos. Na verdade, o Maneco é o meu recrutador. Mais de quarenta pessoas vêm felicitar-me por ter feito maravilhas com êle. Eu ouvi um de vossos alunos — dizem. Mas é verdadeiramente admirável como êle fala: Francês, Inglês, declama, sabe a História e a Geografia!” (3).

Gostaríamos de comentar, palavra por palavra, as expressões do Dr. Stoll. Porém, não há tempo e é bom: — não cometeremos a heresia. Basta lembrarmos que estas palavras se referiam a um menino de nove anos e que a profecia do Dr. Stoll se cumpriu totalmente.

Por êsse tempo, o nosso poeta já fazia suas leituras: — “Os Lusíadas” de Camões, a “Henriqueida” de Voltaire. Gostava muito do desenho. Uma vez, aos dez anos, para celebrar o aniversário do pai, fêz, alusivos à data, os seus primeiros versos; eram em francês e acompanhavam um desenho que rabiscara.

É o entremez do Colégio?! Ah! como êste define a humanidade profunda, a perspicácia do grande Diretor; como define a vocação artística do menininho: — vocação já para, não só, imitando, criar, como para representar cenas humorísticas!

Foi assim que se deu: — Manuel Antônio tinha dez anos. Era no Colégio do Dr. Stoll. Uma ocasião, êste admoestara enêrgicamente, por um fato qualquer, a três empregados do Colégio, todos de nações diferentes. Pois não há-de ver que, um dia, surgiu, ao Dr. Stoll, um dos criados, a se queixar de que o diabinho do Manuel Antônio o ridicularizava, conjuntamente com outros colegas! O Dr. Stoll, severo Diretor, não tolerava o desrespeito: — propõe-se repreendê-lo. A cena se desenrolava numa sala de estudo. Os alunos estavam em descanso. O Dr. vai; mas, rente com a porta, pára, hesitando. Para não agir só por informação alheia, para não castigar precipitadamente, perscruta e escuta pela

(3). — Ver estas opiniões do Dr. Stoll, em Domingos Jaci Monteiro, obra citada na Bibliografia, pgs. 195 e 196.

fechadura: — tanto lhe merecia cuidado o seu *pequeno gênio*, como lhe chamava em suas cartas! Então, abrindo abruptamente a porta, caminhou para Manuel Antônio e... lhe deu um apertado abraço! Stoll, tão bem vira, imitados por êle, o seu modo de ser, a sua gesticulação, a sua fala de sotaque estrangeirado, que não pôde deixar de — por êste abraço, carregado de calorosa isenção — coroar de bom êxito a primeira peça que o comediógrafo menino bosquejara, e para cuja concretização convidara os colegas!

Álvares de Azevedo era assim! Assim era o extraordinário Dr. Stoll!

— IV —

Mas, precisando o Dr. Stoll deixar a direção do estabelecimento, e não sendo muito bom o estado de saúde do nosso poeta, veio êste, pela primeira vez e a conselho médico, para São Paulo, no correr de agôsto de 1844, em companhia de seu tio, o Dr. José Inácio Silveira da Mota.

Despedindo-se, em album de sua dileta irmã Maria Luísa, deixou quatro versos em francês, talvez imitação de Mlle. Flaugergues.

Aqui, melhorou. Continuou os estudos, fêz exames de Francês, Inglês e Latim. Deixou de prestar os de História e Geografia: — era muito novo para começar a estudar o Direito.

Em fins de 1844, voltou para o Rio. Até junho de 1845, preparou-se com o Barão de Planitz e, no "Pedro II", prestou os exames exigidos.

— V —

Em 1845, fêz o quinto ano do internato do Colégio, em que se matriculara, a 2 de junho, como aluno galgo. Era o n.º 430. Dos seus colegas, não se sabem os nomes. E — tirante um tal Antônio Maximiano de Araújo Pereira, nos exames do fim do ano — a sua turma passou tôda com grau pleno.

Em 1846, cursou o sexto ano. No fim, conquistou, conjuntamente com outros colegas, o mesmo grau. Grau pleno e a primeira menção honrosa.

Em 1847, cursou o sétimo e último ano. De novo conquistou aprovação plena e a primeira menção honrosa.

Assim, aos 16 anos, em sessão celebrada a 5 de dezembro de 1847, recebeu, solene e merecidamente, o diploma de Bacharel em Letras.

No quinto ano do Colégio Pedro II, teve, como Professor de Grego, a Joaquim Caetano Pereira da Silva; como Professor de Alemão, ao Barão de Planitz, de quem guardou sempre saudosa memória.

No sexto ano, foi seu Professor de Filosofia, Domingos José Gonçalves de Magalhães, depois Visconde de Araguaia, que, em 1836, iniciara o romantismo brasileiro, com os "Suspiros poéticos e Saudades"; Santiago Nunes Ribeiro, de origem chilena, foi seu Professor de História Moderna, Retórica e Poética.

No sétimo ano, lecionando-o, encontramos Calógeras e Tautpoeus. O primeiro, historiador e de origem grega. O segundo, notável naturalista alemão.

Como se vê, o Corpo Docente do "Pedro II", na época, estava à altura das necessidades do aluno Manuel Antônio.

Mas, apesar de tudo, o rapazinho — acostumado àquele regime de eleição criado pelo grande Stoll — estranhou muito o Colégio, nos primeiros tempos. Era ativo e dificilmente se adaptava a certos usos. Gostava do desenho, amava a travessura, e, sem querer, lá ia o Manuel Antônio caricaturando empregados do Colégio. Por isto, e não por mais, embora fôsse, como vimos, um cabeça de turma, várias vezes visitou o quarto escuro do "Pedro II". Afinal, percebendo que os castigos não lhe quebravam o gênio, e que, pelo contrário, este já augurava excepcional futuro, a Direção da Casa — levando também em conta que a sua precária saúde mais se ressentia com as punições — resolveu, de um certo ponto em diante, deixá-lo em paz. Aliás, seus colegas não só o estimavam, como lhe admiravam, principalmente, a imaginação, e os sérios conhecimentos de História e Filosofia.

E, já nesse tempo, ia traduzindo e lendo os bons autores das várias literaturas. Não só. Ia também compondo. "A mor parte, porém, dos seus primeiros escritos e papéis — diz Domingos Jaci Monteiro — perdeu-se entre as rosas desfolhadas de sua infância... Tudo isso era ainda nada: apenas singelos arrojões de criança que denunciavam precocemente os feitos do futuro homem, como essas faíscas envoltas em fumo e cinzas que o vulcão atira às auras da planície, antes de arremessar aos furacões das alturas às flamas que tornam noites em dias..." (4).

— VI —

Agora, São Paulo, agora a Academia.

Quando Álvares de Azevedo estudou na Academia de Direito, São Paulo já era ambiente bastante culto. Possuía livrarias e teatro; contava, em 1850, quarenta e sete jornais, número que aumentou, depois de 1851. Por esta imprensa, debatiam-se problemas da época e digladiavam-se acirradas correntes políticas. Fora da Academia, eram nomes notáveis os de Gabriel Rodrigues dos Santos, Martim Francisco, Pimenta Bueno, Antônio Joaquim Ri-

(4). — Domingos Jaci Monteiro, obra citada na Bibliografia, pgs. 199 e 200.

bas. Francisco Otaviano de Almeida Rosa, formado em 1845, ainda aqui morava: — era o poeta predileto da mocidade acadêmica, que lhe copiava os versos, nas paredes das repúblicas, onde, também encantados, vinham decorá-los os calouros.

O meio acadêmico também lhe foi bastante propício: — contava com imprensa, associações, distintos professôres, contemporâneos ilustres, amizades.

A imprensa acadêmica do tempo representava-se pela “A Violeta”, “O Íris”, “O Acaiaba”, os “Ensaaios Literários”, os “Ensaaios Literários do Ateneu Paulistano” e a “Revista Mensal do Ensaio Filosófico Paulistano”.

Como associações estudantinas sobressaíam-se duas: — o Ateneu Paulistano, cujo porta-voz eram os seus “Ensaaios Literários”, e o Ensaio Filosófico Paulistano, que tinha como órgão a “Revista Mensal”, fundada por Álvares de Azevedo.

Entre os Professôres que, de 1848 a 1851, teriam lecionado ao nosso poeta, citamos os seguintes: — Avelar Brotero, lente de Direito Natural; Veiga Cabral, de Direito Civil; Silveira da Mota, tio de Álvares de Azevedo, lente de Prática do Processo. Mais novos, aí lecionavam ainda, João Crispiniano e Ramalho, mais tarde notáveis juriconsultos.

Entre os contemporâneos de Álvares de Azevedo, destacam-se: — No primeiro ano, Batista Caetano de Almeida Nogueira. No segundo: — Bernardo Guimarães e Aureliano Lessa. No terceiro: — José de Alencar. No quarto ano, Silveira e Sousa. No quinto: — Perdigão Malheiro, João Cardoso de Meneses, futuro Barão de Paranâpiacaba, e Paulo do Vale. Chegariam depois: — em 1849, José Bonifácio, o Moço; em 1850, Félix Xavier da Cunha; em 1851, Américo Brasiliense, Ferreira Viana, Paulino José Soares de Sousa. Outros, como Duarte de Azevedo, Andrade Figueira, Flávio Farnese, que chegaram em 1852, não tiveram, talvez, ocasião de conhecê-lo pessoalmente.

Entre as amizades do poeta, avulta, principalmente, o nome de Luís Antônio da Silva Nunes, amigo profundamente estimado, que lhe foi, não só o confidente dileto, como também, mais tarde, o editor do “O Conde Lopo”. Mas havia, também, os nomes de Aureliano José Lessa e Bernardo da Silva Guimarães, com os quais, em 1851, iria, de colaboração, editar um livro de versos, “As três liras”, cada poeta com sua parte.

E desta amizade se valeram Bernardo e Aureliano de uma feita em que se acharam sem dinheiro, fato comuníssimo entre estudantes. E como o arranjaram? Pediram ao colega Manuel Antônio, extremamente pálido, que se fingisse de morto. Pediram-lhe, êle acedeu, e lá ficou *morto*, estirado na cama. Angariados os donativos para o enterramento, e transmudados êstes numa succulenta ceia, lá para os fundos da república, nasceu também, no *finado*, uma forte vontade de ir compartilhar dela! E, para isto, levam-

tou-se: — *ressuscitou*, lívido, dentre a brancura dos lençóis... E os guardadores do velório? Pernas, para que vos quero! Foi um esparramo dos seiscentos diabos!

Agora, de um fato relativamente inocente como êste, concluir que Álvares de Azevedo era um dos cabeças da Epicuréia, achamos muito forte. O poeta não tinha espírito, nem corpo, nem tempo para isto. Suas orgias foram, pura, essencialmente cerebrais.

Mas, falamos em Epicuréia, sem dizer o que fôsse.. Era uma sociedade que já vinha de 1845. Seus sócios eram, geralmente, acadêmicos. Manfredo, Lara, Giaour, Marino Faliero, Beppo, Conrado, Sardanapalo, Mazeppa, Caim eram os nomes que adotavam, todos tirados das personagens de Byron. Suas reuniões eram nos arrabaldes, sem lugar fixo. Como a sua finalidade era realizar, imitando, as extravagâncias da vida e da obra do Lorde inglês, a Epicuréia cometeu os atos mais deploráveis, de que Álvares de Azevedo poderia ter sido — quando muito — um atento, curioso observador, a recolher elementos para a “Noite na taverna”.

Quem — espírito elevado, em tão pouco tempo, com tão pouca saúde — tanto estudou, leu e escreveu, não poderia ter bebido muito na Epicuréia, fonte envenenada de desgaste físico, moral e intelectual.

A verdade é que: — “Sentado nos bancos da faculdade jurídica, (diz Joaquim Norberto) Álvares de Azevedo nem mediu forças, nem calculou tempo; sacrificou tudo ao estudo levado além das raias do possível. “Há uma coisa, dizia êle escudado com a autoridade de Agostinho Thierry, que vale mais do que os gozos materiais, mais que a fortuna, mais que a saúde mesma — o sacrifício à ciência!” Estudou profundamente o direito romano, como a origem de todos os direitos, e o código do comércio, ainda há pouco sancionado, já êle o sabia de cor e para logo analisou-o, confrontando-o com os códigos estrangeiros. Juizes competentes admiravam seus notáveis conhecimentos em diversos ramos das ciências sociais. Advogados distintos e até seu próprio pai o consultavam durante as férias, e entregavam-lhe causas importantes; e os seus trabalhos, que apenas necessitavam dos retoques da fraseologia da praxe, eram coroados pelas decisões dos tribunais” (5).

E note-se que — segundo Homero Pires — quando Álvares de Azevedo o estudava, o Direito Romano não era ainda Cadeira do Curso.

As suas leituras, êle as ia fazendo durante o período escolar. As férias, êle as aproveitava, principalmente, para compor.

Durante o curso, fêz duas conferências e duas orações fúnebres.

(5). — Joaquim Norberto, obra citada na Bibliografia, pgs. 35 e 36.

A primeira conferência, em que tratou da missão literária das Academias, pronunciou-a a 11 de agosto de 1849, no segundo ano do Curso, numa sessão em que se comemorava o aniversário da criação dos Cursos Jurídicos no Brasil. Conferência que saiu em opúsculo.

A segunda, em que abordou a missão política das Academias, recitou-a em 9 de maio de 1850, no terceiro ano, quando se inaugurou a associação acadêmica Ensaio Filosófico Paulistano.

A respeito d'êste trabalho, em que trata de Educação e Política, e que causou estranheza a seu pai, por uma certa liberdade de idéias, escreveu Manuel Antônio uma carta, visando a acalmar os escrúpulos paternos. Nela, diz o seguinte: — “Quanto ao que falei sobre instrução pública, sobre o desleixo dos governos de todos os credos no Brasil, bem se vê que nisso não há idéia nenhuma de liberalismo exagerado, e muito menos de republicanismo. As minhas idéias sobre política resumem-se em querer menos palavras e mais convicções, menos alarido de liberalismo e mais instituições asseladas dêle” (6).

A primeira oração fúnebre, êle a proferiu, em nome dos colegas, a 12 de setembro de 1850 (exatamente dia do seu aniversário), no túmulo de um quinto-anista amigo, Feliciano Coelho Duarte, que se suicidara por amor.

A segunda oração fúnebre, fê-la, ainda interpretando o sentimento dos colegas, por ocasião da morte de João Batista da Silva Pereira, quinto-anista também, falecido a 15 de setembro de 1851, exatamente três dias depois da data natalícia do poeta.

Destas mortes seguidas de quinto-anistas e destas homenagens póstumas, lhe nasceu a convicção de que o terceiro a morrer, em 1852, seria êle. Mau augúrio que, infelizmente, se realizou.

E foi por esta ocasião que veio a conhecê-lo o também desditoso Paulo Eiró: — “Eu vi-o uma só vez em minha vida; mas nunca me poderei esquecer dêsse instante. Era na velha igreja de S. Francisco, em São Paulo. Armavam o templo para celebrar as exéquias do estudante João Batista Pereira. Um soberbo catafalco erguia-se até o mais alto da nave, tendo escritos nas suas quatro faces versos sentidos e lúgubres. Li-os, e confesso que me pareceram detestáveis. “Quem é o autor?” — perguntei a um primo que me acompanhara até a igreja e que já gozava das honras de calouro. “Aquêlê moço que está ali, sentado em um banco”. Era êle, Azevedo, o pálido sonhador. Seu olhar distraído e melancólico estava fito no monumento fúnebre, como se contemplatesse alguma visão que lhe aparecera bem vêzes na bruma tristonha da noite. Parecia Hamlet considerando o espectro do seu pai” (7).

(6). — “Obras completas de Alvares de Azevedo”, 8.ª edição. Organizada e anotada por Homero Pires, Segundo tomo, “Cartas”, pg. 520.

(7). — Afonso Schmidt: — obra citada na Bibliografia.

E agora, para rematar, vejamos alguma coisa mais íntima: — os lugares onde morou, o teor normal da sua vida, um esboço do seu perfil, a linha evolutiva do seu espírito.

Em São Paulo, morou, primeiramente, na Chácara dos Ingleses, situada na Rua da Glória. À frente, um cemitério; ao lado, um casarão arruinado. Aqui, Álvares de Azevedo não se sentia muito bem. E crê Edgard Cavalheiro que este local tenha agravado o espírito já lúgubre do poeta: — contam as novelas inspiradas nestas ruínas, chamadas "as ruínas da Glória", que elas eram, à noite, verdadeiramente impressionantes. E para agravar o efeito, lá estava, próximo, o cemitério. Vai morar, após, num pequeno e infecto quarto da Rua Boa Vista; aqui vive muito pouco tempo. Passa, depois, a residir na Consolação e, em seguida, na ladeira de São Francisco. Aqui é que — dizem — escrevia, na parede, o nome dos quinto-anistas que iam morrendo.

*
* *

Normalmente, nos bons tempos, levantava-se cedo, por volta das seis. Ia tomar leite e, após, até às sete, dava um pequeno passeio. Achando que a melhor hora para o estudo era a manhã, gastava duas horas, das sete, às nove, revendo a matéria do dia. Em seguida, ia para a Faculdade. Tinha vagas as horas da tarde. Recolhia-se cedo. E a chama do candieiro ficava fumegando até tarde: — Dante, a Bíblia, Shakespeare, Byron...

*
* *

Álvares de Azevedo era homem de pequena estatura, delicada compleição. De testa ampla, tez morena, muito pálido, palidez assinalada não só por Paulo Eiró, como também por Bernardo Guimarães em "Rosaura, a enjeitada". A voz, fina e de pouco volume, emprestava-lhe à palavra uma certa suavidade, uma certa macieza.

Era um bom amigo; às vezes, um pouco altivo. Uma alma caridosa e afável. Um admirável conversador. Uma vigorosa imaginação, atraída pelo fantástico, pelo terrível, comprazendo-se no fúnebre, no sinistro.

*
* *

Na infância, fôra brincalhão, alegre: — bom humor que transparece, claro, no entremez do Colégio Stoll, nas caricaturas do "Pedro II", no velório improvisado por Bernardo. Alegre e riso-

nho continuou, até ainda além do primeiro ano da Faculdade. Depois, seu riso começou a perder a alegria; a melancolia veio chegando...

No comêço, deve ter-lhe feito bem a súbita liberdade, conquistada com o ingresso na Academia: — acabara-se aquela rigidez do Internato. Então, Álvares de Azevedo procurou ambientar-se, visitando amigos da família, freqüentando bailes. Mas, logo começou a sentir a falta da casa paterna, dos desvelos da mãe e da irmã. Foi-se entristecendo, ensimesmando, entediando, sem amores e quase sem amizades.

Já nas férias do segundo ano, foi, de São Paulo para o Rio, bastante triste.

“Desde então — diz Domingos Jaci Monteiro — tudo quanto escreveu teve êsse caráter mais ou menos epigramático, mais ou menos extravagante de quem descrê do mundo e ri-se dêle, ou êsse caráter, ora delirante, ora triste, de quem se entrega às ilusões para esquecer-se, de quem só espera — talvez — o futuro para sua memória, e vê no presente a imagem do acabamento...”
(8).

Está-se quase no fim de uma cadeia dolorosa: — melancolia, concentração, solidão, tédio, pressentimento e angústia da morte.

Daquela morte que depressa veio, e nos deixou — a soar até hoje nos ouvidos; a confranger-nos o coração e a umidecer-nos os olhos — aquêlê balido de ovelha que morre assustada e inocente: — “Que fatalidade, meu Pai!”

E essa fatalidade não a sentiu só êle! Sentiram-na, também, José Bonifácio, o Moço, Ferreira Viana, Duarte de Azevedo, Xavier da Cunha, Paulino Soares de Sousa, todos aquêles catorze acadêmicos que, sob a presidência do Diretor da Academia de Direito, Amaral Gurgel, recitaram poesias e proferiram discursos, naquela memorável sessão que, a 23 de maio de 1852, o Ensaio Filosófico Paulistano fêz realizar, em memória do seu fundador, o bacharel Manuel Antônio Álvares de Azevedo, sem nenhum favor, a maior capacidade cerebral que já passou sob as Arcadas da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo.

MANOEL CERQUEIRA LEITE

Livre-docente de Literatura Brasileira (U. S. P.).

(8). — Domingos Jaci Monteiro: — obra citada na Bibliografia, pg. 205.

BIBLIOGRAFIA

- 1). — Domingos Jaci Monteiro: — “Discurso biográfico do Bacharel M. A. Álvares de Azevedo”, recitado na quarta sessão solene do Ginásio Brasileiro, pelo sócio efetivo e primeiro secretário Domingos Jaci Monteiro, (12 de outubro de 1852), in “Obras de Manuel Antônio Álvares de Azevedo”, precedidas do juízo crítico de escritores nacionais e estrangeiros e de uma notícia sobre o autor e suas obras por J. Norberto de S. S., Sétima edição, Tomo primeiro, H. Garnier, Livreiro-editor, Rio de Janeiro, Paris, S/data, (1900), pgs. 191 a 218.
- 2). — Joaquim Norberto de Sousa Silva: — “Notícia sobre o autor e suas obras”, (lida em uma das sessões do Instituto Histórico Brasileiro, no ano de 1872), in “Obras de Manuel Antônio Álvares de Azevedo”, já citadas, Tomo primeiro, pgs. 29 a 72.
- 3). — Artur Mota: — “Álvares de Azevedo”, in “Vultos e livros”, (Academia Brasileira de Letras), Primeira série, Monteiro Lobato e Cia., São Paulo, 1921, pg. 28, Nota 1.
- 4). — Afonso Schmidt: — “A vida de Paulo Eiró”, Seguida de uma coletânea inédita de suas poesias, organizada, prefaciada e anotada por José A. Gonsalves, Ilustrações de Wash Rodrigues, Cia. Editôra Nacional, São Paulo, 1940, pgs. 122 e 123.
- 5). — Homero Pires: — “Álvares de Azevedo”, in “Obras completas de Álvares de Azevedo”, Oitava edição, Organizada e anotada por Homero Pires, Em dois tomos, Primeiro Tomo, Cia. Editôra Nacional, São Paulo, 1942, pgs. XI a XXVI.
- 6). — Edgard Cavalheiro: — “Álvares de Azevedo”, (trecho de um estudo), in “Poesias completas de Álvares de Azevedo”, Segundo tomo, Edição rigorosamente revista, Livraria-editôra Zélio Valverde, Rio de Janeiro, 1943, pgs. VII a XIV.